

NICCOLÒ
AMMANITI

EU ^e
VOCÊ

LIVRO QUE DEU ORIGEM AO FILME DE
BERNARDO BERTOLUCCI

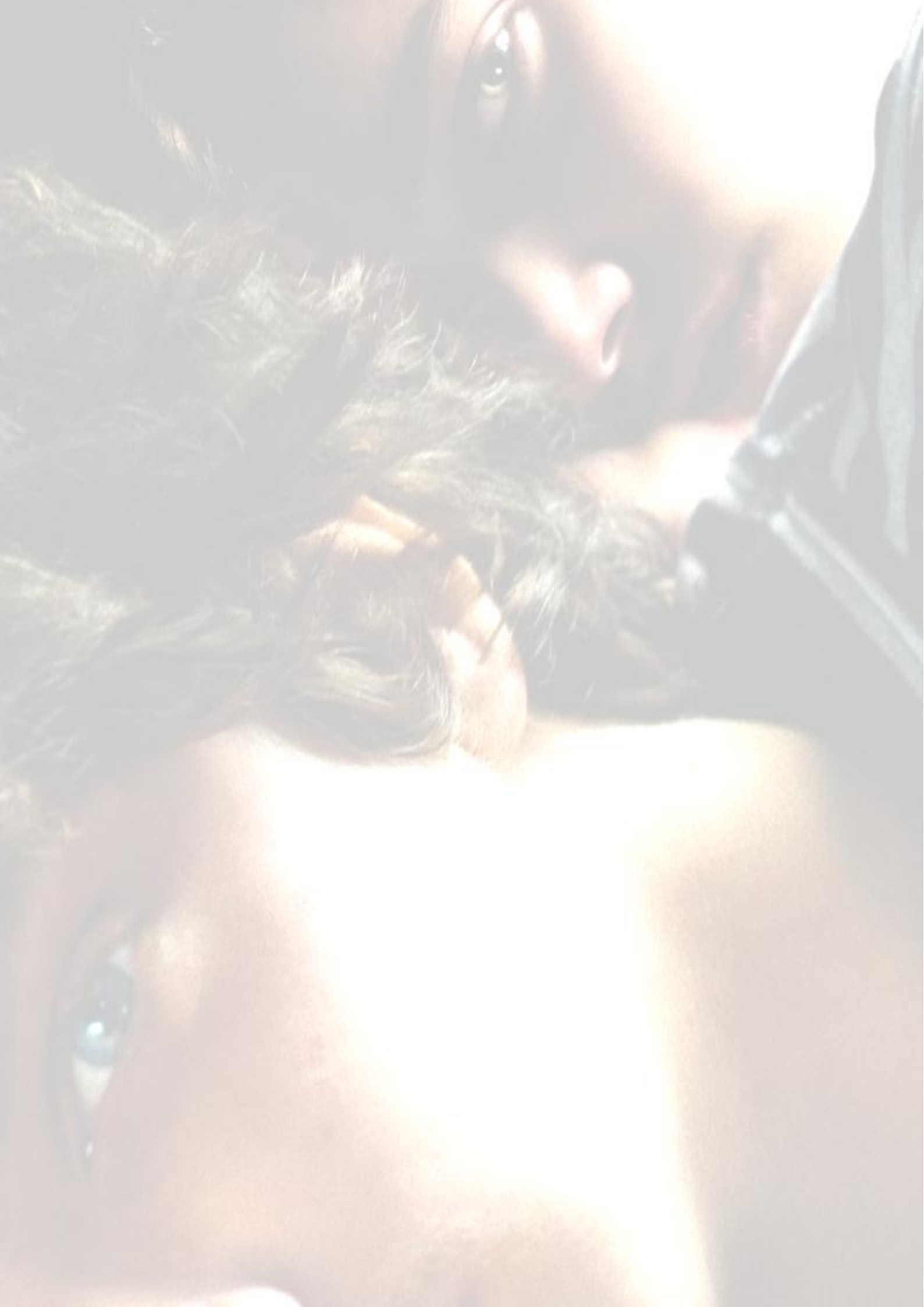
BB
BERTRAND BRASIL

Sinopse

Tímido, anti-social e neurótico, mas também sensível, metuculoso e perspicaz, Lorenzo tem dificuldade de se comunicar com o mundo. Para realizar seu sonho de viver isolado, sem conflitos e sem colegas irritantes, esconde-se no porão de casa durante a semana branca – sete dias de férias que os jovens têm direito na Itália. Assim, cria um mundo particular onde pode ouvir música, assistir a filmes no computador, ler e se sentir à vontade. Sua semana de sonhos está pronta para começar quando, de repente, chega uma visita inusitada: a rejeitada meia-irmã Olivia.

Em Eu e você, o talento de Niccolò Ammaniti para criar personagens fortemente humanos, pelos quais é fácil afeiçoar-se, e sua capacidade de contar histórias comoventes reúnem-se em um relato sobre mentiras tão pueris quanto inescapáveis, promessas nunca cumpridas e tudo aquilo que se quer, mas não se pode ter. Ou ser.

O autor é conhecido por sua escrita corajosa. Em seu primeiro romance publicado pela Bertrand Brasil, Como Deus manda, expôs o mundo dos excluídos, dos marginalizados e dos brutalizados italianos em uma sociedade consumista. Depois, em A festa do século, o autor apresentou a sociedade da vaidade em que as importantes personalidades vivem. Com apenas uma ressalva: não da maneira que elas esperavam.



Cividale Del Friuli
12 de janeiro de 2010

— Café?

Uma garçonete me perscruta por cima dos óculos. Na mão, traz uma garrafa térmica prateada.

Estendo-lhe a xícara. — Obrigado.

Ela a enche até a borda. — Veio para a feira?

Aceno que não com a cabeça. — Que feira?

Ela me observa. Espera que eu diga por que razão me encontro em Cividale Del Friuli. Por fim, puxa um bloquinho. — Qual é seu quarto?

Mostro a chave. — Cento e dezenove.

Ela anota o número. — Se quiser mais café, o senhor mesmo pode se servir no bufê.

— Obrigado.

— De nada.

Assim que ela se afasta, puxo da carteira um bilhete dobrado em quatro. Abro-o sobre a mesa.

Fora escrito por minha irmã, Olivia, dez anos atrás, em vinte e quatro de fevereiro de dois mil.

Eu tinha quatorze anos e ela, **vinte e três**.

Roma

Dez anos antes

1.

Em dezoito de fevereiro de dois mil, fui para a cama cedo e adormeci logo, mas, durante a noite, acordei e não consegui mais pegar no sono.

Às seis e dez, com o edredom puxado até o queixo, eu respirava de boca aberta.

A casa estava silenciosa. Os únicos ruídos que se ouviam eram a chuva batendo contra a janela, minha mãe caminhando no andar de cima, entre o quarto e o banheiro, e o ar que entrava e saía por minha traqueia.

Dali a pouco, ela viria me acordar para me levar ao encontro com os outros.

Acendi o abajur em forma de grilo apoiado sobre a mesa de cabeceira. A luz verde pintou um pedaço do quarto onde estavam pousados a mochila cheia de roupas, a jaqueta acolchoada, os esquis e a sacola com as botas.

Entre os treze e os quatorze anos, eu havia crescido de repente, como se tivessem me dado adubo, e fiquei mais alto que as pessoas de minha idade. Minha mãe dizia que dois cavalos de tração tinham me esticado. Eu passava um tempão ao espelho, observando minha pele branca manchada de sardas, os pelos nas pernas. Na cabeça, me crescia um tufo castanho do qual despontavam as orelhas. Os traços do rosto haviam sido remodelados pela puberdade, e um nariz imponente me separava os olhos verdes.

Levantei-me e meti a mão no bolso da mochila encostada à porta.

— O canivete está aqui. A lanterna também. Tudo certo — disse a mim mesmo, em voz baixa.

Passos de minha mãe no corredor. Ela devia estar com os sapatos azuis de salto alto.

Joguei-me na cama, apaguei a luz e fingi dormir.

— Lorenzo, acorde. É tarde.

Ergui do travesseiro a cabeça e esfreguei os olhos.

Minha mãe levantou a persiana. — Que dia horrível... Tomara que em Cortina esteja melhor.

A luz débil do amanhecer desenhava sua silhueta delgada. Ela estava usando a saia e o blazer cinza que vestia quando ia fazer coisas importantes. O suéter de gola rulê. As pérolas. E os sapatos azuis de salto alto.

— Bom-dia — bocejei, como se acabasse de acordar.

Ela se sentou na beira da cama. — Dormiu bem, meu amor?

— Dormi.

— Vou preparar seu café da manhã... Enquanto isso, vá tomando banho.

— E Nihal?

Minha mãe me penteou os cabelos com os dedos. — A essa hora, está dormindo. Ele lhe deu as camisetas passadas a ferro?

Acenei que sim com a cabeça.

— Levante-se, vamos.

Eu gostaria, mas um peso no peito me sufocava.

— O que foi?

Segurei a mão dela. — Você gosta de mim?

Ela sorriu. — Claro que sim. — Ficou de pé, olhou-se no espelho ao lado da porta e alisou a saia. — Levante-se de uma vez. Até hoje vou ter que implorar para você sair da cama?

— Um beijo.

Minha mãe se inclinou sobre mim. — Afinal, você não está partindo para o serviço militar, mas para a semana branca.¹

Abracei-a, meti o rosto entre os cabelos louros que lhe caíam sobre o rosto e encostei o nariz em seu pescoço.

Seu perfume era bom. Fazia-me pensar no Marrocos. Em certos becos estreitos, cheios de barracas que vendiam uns pós coloridos. Mas eu nunca havia ido ao Marrocos.

— Que perfume é esse?

— Sabonete de sândalo. O de sempre.

— Pode me emprestar?

Ela ergueu uma sobrancelha. — Por quê?

— Assim, eu tomo banho com ele e fico com seu cheiro.

Ela me arrancou as cobertas. — Que novidade é essa agora? Vamos, não seja bobo, você nem vai ter tempo de pensar em mim.

Pela janela do BMW, eu observava o muro do zoológico coberto de panfletos eleitorais molhados. Mais para cima, dentro do viveiro das aves de rapina, um abutre se equilibrava em um galho seco. Parecia uma velha vestida de luto, dormindo embaixo de chuva.

O aquecimento do carro me tirava o ar, e os biscoitos haviam parado no fundo da garganta.

A chuva estava parando. Um casal, ele gordo e ela magra, fazia ginástica nos degraus cobertos de folhas podres do museu de arte moderna.

Olhei para minha mãe.

— O que foi? — disse ela, sem desviar os olhos do caminho.

Infliei o tórax, tentando imitar a voz grossa de meu pai: — Arianna, você devia mandar lavar este carro. É um chiqueiro sobre quatro rodas.

Ela não riu. — Você se despediu de seu pai?

¹ Settimanabianca: período do inverno em que se vai esquiar em uma localidade de montanha. (N. T.)

— Sim.

— O que ele lhe disse?

— Para não fazer besteira e não esquiar como um louco. — Fiz uma pausa. — E que eu não devo ligar para você a cada cinco minutos.

— Ele falou isso?

— Sim.

Ela mudou de marcha e dobrou na Flaminia. A cidade começava a se encher de carros. — Me ligue quando quiser. Pegou tudo? A música? O celular?

— Sim.

O céu cinza pesava sobre os tetos e entre as antenas.

— Pegou a bolsinha com os remédios? Colocou dentro o termômetro?

— Sim.

Um rapaz em uma Vespa ria, com o celular metido embaixo do capacete.

— E o dinheiro?

— Sim.

Atravessamos a ponte sobre o Tibre.

— O resto acho que conferimos juntos ontem à noite. Está tudo na bagagem.

— Sim, tudo.

Estávamos parados no sinal. Uma mulher em um Fiat 500 olhava direto à sua frente. Na calçada, um velho se arrastava atrás de dois labradores. Uma gaivota se empoleirava no esqueleto de uma árvore coberta de sacos plásticos que despontava da água cor de lama.

Se Deus aparecesse e me perguntasse se eu queria ser aquela gaivota, eu responderia que sim.

Soltei o cinto de segurança. — Me deixe aqui mesmo.

Minha mãe me olhou como se não tivesse entendido. — Aqui como?

— Isso mesmo. Aqui.

O sinal ficou verde.

— Pare, por favor.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

